

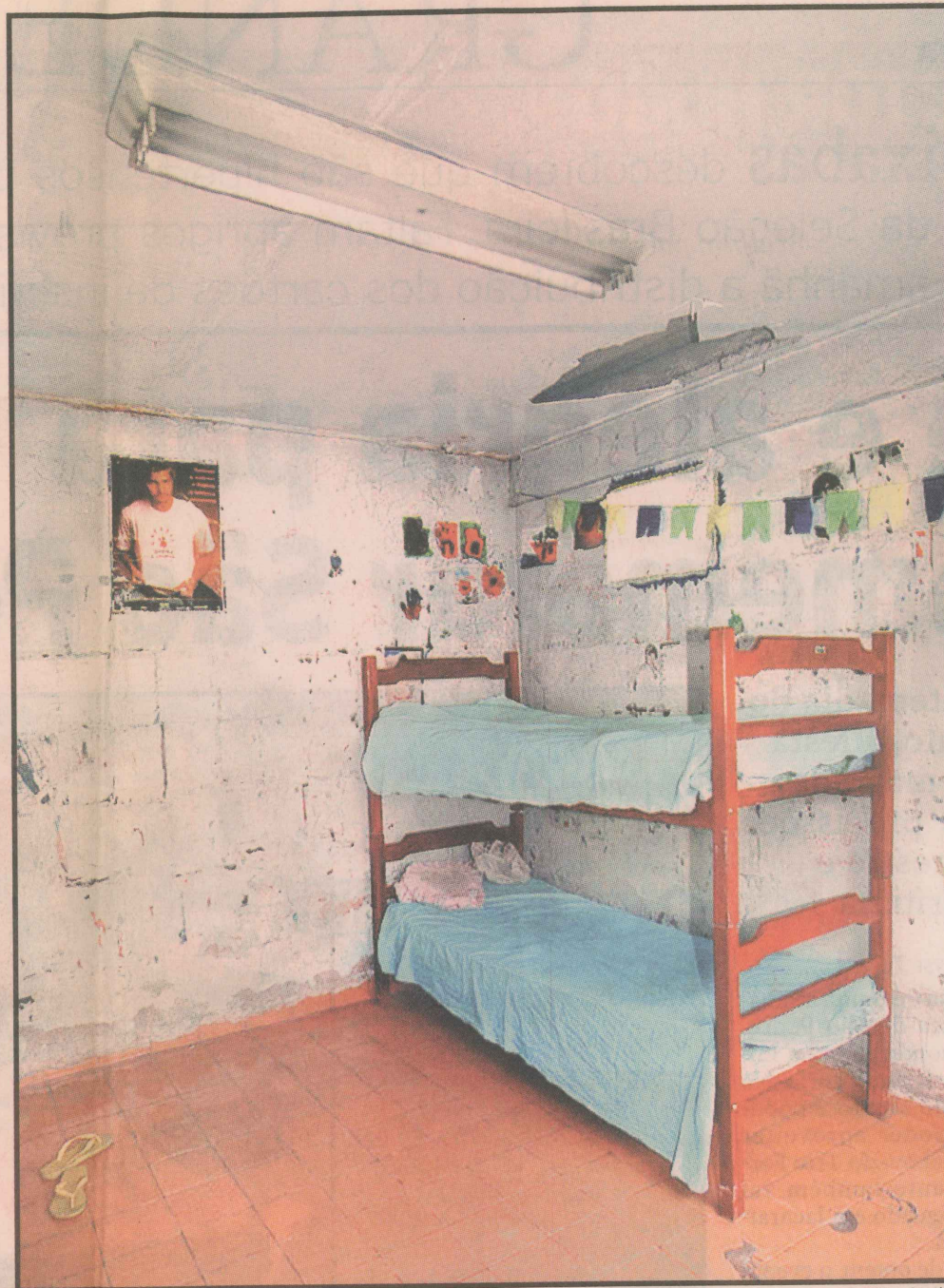
4208565



Chico Guedes

Precariedade

Em Cariacica, para se comunicar, conselheiros precisam utilizar um orelhão; também não há carro suficiente para deslocamentos



Chico Guedes

Contradição

Funcionando num prédio cheio de infiltrações e até com buraco no teto do alojamento, o SOS Criança parece pedir socorro

Falta abrigo para menor em situação de risco

SOS Criança pede socorro para atender

Paredes infiltradas, buracos no teto, cerâmicas quebradas, falta de pessoal e equipamentos. Esse é um resumo da atual situação do abrigo estadual SOS Criança, que funciona ao lado da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. O local funciona de forma precária e atende a toda a Região da Grande Vitória, além de alguns municípios do interior, oferecendo 15 vagas, dez para meninos e cinco para meninas.

Constantemente cheio, a falta de outras instituições com o mesmo fim dificulta ainda mais o fluxo de trabalho. "Determinei que não sejam aceitos menores acima de 12 anos. Não se pode misturar meninos maiores com crianças pequenas. É preciso que sejam criadas instituições para adolescentes meninos, a exemplo do Lar da Menina II, que acolhe adolescentes", disse o juiz da Vara da Infância e da Juventude, Paulo Luppi.

Segundo ele, quando algum menino entre 12 e 18 anos é trazido, ele é encaminhado para a prefeitura de origem para que sejam tomadas as devidas providências. "Infelizmente, não é um problema nosso", disse, referindo-se ao fato de as prefeituras, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, serem responsáveis pelo oferecimento de abrigos e casas de passagem para menores de rua.

Conforme a coordenadora do SOS Criança, Sanilda Faustino dos Santos, a instituição é limitada por uma questão de espaço físico e tem caráter rotativo. "É um dos poucos abrigos que existem. A permanência da criança deveria ser de cerca de três dias, mas há crianças que já estão aqui há dois meses", ressaltou.

Sem ter para onde enviar casos como o do menor Carlos (nome fictício), 13 anos, que se tornou deficiente físico por causa de maus-tratos no seio da família, a instituição dedica a ele tempo integral de atendimento.

Fugi porque tive vontade de cheirar tiner. Gosto mesmo é da rua e não quero voltar para casa'. O corpo franzino de Diego (nome fictício), mal conseguia ficar parado durante o tempo de entrevista, período pelo qual ele inalou o solvente de tinta a cada 30 segundos. Apesar dos 12 anos, seu porte equivale ao de uma criança de sete. Já passou por três abrigos, mas voltou às ruas assim que "bateu a vontade".

Na área do Shopping do Povo, perto do Terminal de Laranjeiras, na Serra, Diego tem outros oito amigos, em idades que variam de 11 a 17 anos. Na Grande Vitória, na mesma situação, existem dezenas menores dividindo o céu como teto e revezando as vagas dos poucos abrigos e casas de passagem, insuficientes para atender a demanda da região.

Na Serra, a situação é tão crítica que o Conselho Tutelar promete ingressar com uma representação no Ministério Público contra a prefeitura, para que providências sejam tomadas. "Precisamos de mais abrigos. Um dos únicos existente é a Casa-Lar, mantida pela Igreja Católica, que possui onze vagas para meninos e meninas acima de 12 anos", desabafa o conselheiro Irajá Tenório Pereira.

Conforme a secretária de Promoção Social da Serra, Nazaré Motta Liberatto, há ainda uma casa de passagem que atende menores de zero a 12 anos. Nos seis Conselhos Tutelares da Serra, entre setembro de 2001 e março de 2002, foram realizados 2.216 atendimentos, uma média de 369 por mês. "Nossos conselhos são muito atuantes e atendemos a diversas situações, desde con-

Infra-estrutura de atendimento na Grande Vitória é precária; para dependente químico a situação é pior

MÔNICA LUZ



Evaristo Borges

'Viagem'

Garoto cheira tiner numa casa abandonada em Carapina, na Serra

DEPENDENTE QUÍMICO

Atendimento apenas pelo CPTT

Se a situação é difícil para os menores em situação de risco, que contam com poucos e precários abrigos provisórios, o problema se agrava ainda mais quando se trata de menor com quadro de dependência química. Um dos únicos locais de atendimento é o Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT), da Prefeitura de Vitória. Atualmente a instituição está atendendo a 40 crianças e adolescentes, de 12 a 17 anos. A coordenadora do centro, Inêz Maria Antunes Paes Torres, disse que uma parceria com a Secretaria Municipal de Ação Social garante vagas para aqueles que vivem nas ruas, na Casa Aberta. "Nesse momento temos um grupo de acolhimento e acompanhamento de menores. Estamos estruturando oficinas de música e informática para eles".

Estatuto da Criança não é cumprido

flitos familiares, abandono, abuso sexual, violência, uso de drogas. Nos casos de espancamento, enviamos ao Projeto Sentinela, que é mantido pela própria prefeitura", explicou a secretária.

Na Serra também é realizada a abordagem de rua, por uma equipe da prefeitura, que atende entre 30 e 40 meninos por mês. "O número de menores nas ruas varia muito", explica o conselheiro Irajá Pereira. "No Terminal de Laranjeiras o número é crescente. Antes conhecíamos todos os menores. Agora há vários meninos que não conhecemos, muitos, inclusive, de outros Estados".

No Conselho Tutelar de Vila Velha, por exemplo, de cada dez meninos de rua, apenas três são do próprio município. "No verão o número aumenta muito. São meninos da Grande Vitória, mas a maior parte vem de Minas Gerais, através dos trens de minério", disse o presidente do conselho, Ivanildo Sabino.

No caso de Cariacica, a atuação dos conselhos tutelares é prejudicada pela total falta de infra-estrutura. Para se ter uma idéia, dos quatro conselhos da cidade, o da Região II, na sede do município, não tem carro para eventuais deslocamentos, nem telefone fixo para atendimento das demandas diárias.

"Usamos o orelhão, que fica em frente. Com relação aos atendimentos, fazemos uma média de oito por dia", disse a conselheira Eunice Ferreira Pereira, que se ressentida da inexistência de um abrigo para adolescentes acima de 12 anos. Recentemente, a prefeitura inaugurou uma casa de passagem para menores de até 12 anos, para ambos os sexos.

"É muito difícil fazer com que o Estatuto da Criança e do Adolescente seja plenamente cumprido. Temos carência de abrigos provisórios para meninos, de zero a sete anos na Capital. Quando precisamos encaminhar, temos que recorrer ao SOS Criança", disse a coordenadora do Conselho Tutelar de Vitória, Valquíria Santos da Silva. Segundo ela, há apenas os abrigos Casa da Menina I, para meninas de zero a 12 anos; Casa da Menina II, para as que têm mais de 12; e a Casa de Passagem, na Mata da Praia.

Já a diretora do Departamento de Assistência à Criança e ao Adolescente, Naya Nunes de Athayde, explicou que hoje não existem menores em situação de vivência permanente nas ruas de Vitória. "Isso conseguimos erradicar. O que existe são grupos que se formam para perambular pelas ruas, e é essa população que nossa equipe enfrenta hoje".

A equipe de abordagem da Serra trabalha hoje com cerca de 15 meninos de rua. No município existem apenas dois abrigos provisórios, e nenhum deles é da prefeitura. "Nossa política não é a de aumentar o espaço. Quando mais tem, mais menores vão aparecer. Trabalhamos com a política do fortalecimento. Com programas e parcerias para acompanhar esses meninos e reinseri-los na comunidade", disse a coordenadora da Abordagem de Rua da Serra, Juliane Macedo Manzini.

Em Vila Velha existem hoje quatro abrigos provisórios. O Centro de Atendimento do Aribiri (acima de 10 anos), Casa República, na Praia da Costa (acima de 16 anos), Casa Lar da Menina do Aribiri (acima de 12) e a Casa de Passagem do Ibes (até 12 anos). "O maior problema são os dependentes químicos. Não existe sistema preventivo, de internação e tratamento para menores usuários de drogas", disse o presidente do Conselho Tutelar de Vila Velha, Ivanildo Sabino.